Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 13ª Edição - Vol. 13 - Ano: 2022. No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

O uso inadequado de fármacos em pandemia

André Nunes de Carvalho[1]

Juliana Leandro de Souza[2]

Resumo

A autoadministração de medicamentos é algo que já acontece a décadas principalmente no Brasil, entretanto com a presente pandemia do covid-19 essa prática se tornou maior por parte da população que regida pelo medo de contaminação pelo vírus, está fazendo uso de substâncias, que até o momento não tem nenhum tipo de eficácia comprovada pelo meio científico no combate à doença. Para realização desta pesquisa foi encontrado artigos nas bases de dados BDENF - (BASE DE DADOS EM ENFERMAGEM), e livros em periódicos de 2015 a 2021. Contudo, o material de estudo foi selecionado ressaltando dados considerados de relevância para o tema proposto. É um assunto de extrema importância para as autoridades de saúde, devido ao risco de futuros dependentes dessas drogas no período pós pandemia, bem como o surgimento de super bactérias, até mesmo irem pra outros medicamentos mais fortes, diante disso se faz necessário uma vigilância em saúde, bem como fazer um levantamento de dados epidemiológico do número de medicamentos que estão sendo comercializados em consulta profissional afim de evitar novos doentes de doenças já existentes ou até mesmo o surgimento de novas devido ao abuso do uso inadequado de fármacos pela sociedade.

Palavras chaves: Fármacos, Prevenção, Saúde.

Abstract

Self-administration of medicines is something that has been happening for decades mainly in Brazil, however with the current pandemic of covid-19 this practice has become greater by the population that is governed by the fear of contamination by the virus, is using substances, which even the moment has no type of efficacy proven by the scientific environment in combating the disease. To carry out this research, articles were found in the databases BDENF - (DATA BASE IN NURSING), and books in journals from 2015 to 2020. However, the study material was selected, highlighting data considered relevant to the proposed theme. It is an extremely important issue for the health authorities, due to the risk of future dependents on these drugs in the post-pandemic period, as well as the appearance of super bacteria, even going to other stronger drugs. health, as well as conducting an epidemiological data survey of the number of drugs that are being marketed in professional consultation in order to prevent new patients from existing diseases or even the emergence of new ones due to the abuse of inappropriate use of drugs by society.

Key words: Drugs, Prevention, Health.

André Nunes de carvalho (andrecarvalhonunes@outlook.com) – mestrando em psicologia criminal.

Juliana Leandro de Souza (julianalean@hotmail.com) – graduando farmácia – Faculdade de Integração do Sertão – FIS.

Introdução

Hoje em dia com o ritmo de vida totalmente acelerado da população faz com que as pessoas vivam cada vez mais pressões e dificuldades, devido a cobrança em produtividades, estresse devido ao transito na maioria do tempo intenso, como também repletos de atividades excessivas e cargas turbulentas que podem vir a gerar ansiedade causada por essa experiencias, devido a estes fatores entram no uso inadequado de substancias farmacológicas que a princípio podem melhorar o sono e desempenhar uma melhora considerável para as atividades diárias.

O uso de medicações tem como sua principal função, tratar as pessoas sejam elas com doenças graves, como a atual pandemia do covid-19 ou outras como, câncer diabetes, hipertensão, como também podem proporcionar, alivio em transtornos psicológicos, desaceleração do pensamento, relaxante muscular, tratamento de insônia entre tantas outras funções que estes possuem.

Relata (MONTEIRO 2008, p. 3) que "a utilização de fármacos, em determinadas situações, é necessária e são eficazes em muitos casos; no entanto, o abuso e a automedicação pela população são questionados".

O uso exacerbado desses medicamentos é um fato na sociedade atual, devido a presente pandemia que a sola o mundo, muito tem se falado em medicações que poderiam ser usadas como uma forma preventiva, porém isso veem gerando preocupação entre as autoridades de saúde, pois, é sabido que a utilização prolongada dos psicofármacos, além de efeitos colaterais indesejáveis, provoca dependência química e geram dificuldades quanto ao término do tratamento.

Especialistas enfatizaram que, mesmo que esses medicamentos estejam sob controle da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), eles estão facilmente disponíveis e apontam Falta de orientação médica necessária durante o tratamento. Portanto, percebe-se que o fato do abuso não se restringe ao paciente e ao sistema de dispensação, mas inclui também uma série de outros fatores, entre eles a atitude dos profissionais de saúde.

Diante dos aspectos mencionados, conforme comentado anteriormente, o estudo discutiu o uso excessivo de substâncias na população e comprovou a existência desse fenômeno com base na literatura. Além disso, aponta os pressupostos dessa situação atual de pandemia e suas possíveis consequências. Portanto, este é um estudo com características bibliográficas e métodos qualitativos.

Segundo (Richardson, 1989), este método de pesquisa analisa a relação dinâmica entre o sujeito e a realidade e descreve a complexidade de um determinado problema. Sem promessas. Obtenha resultados numéricos.

Todavia até agora, inicialmente não existem medicamentos para pacientes com sofrimento de covid-19, nem vacinas com comprovação de 100% de eficácia apenas medicações e estudos em fazes de testes.

A partir da década de 1950, a indústria farmacêutica, principalmente no campo da psiquiatria, ampliou seu campo de ação com a chamada "revolução psicofarmacológica" (LUZIO & SANTOS, 2012, p. 2).

Luzio e Santos (2012, p. 2) descrevem em sua obra: “As drogas ganharam espaço no tratamento de patologias nos últimos 30 anos, abandonaram a psicanálise e romperam com a medicina até então Existe um diálogo entre eles. "

Apesar das condições acima, pesquisas mostram que o uso de substâncias está aumentando, principalmente, diante do cenário pandêmico o abuso de medições devido ao medo, do futuro adoecimento está levando a um crescimento exacerbado de fármacos sem prescrição médica, com isso podendo vir a gerar futura dependência a droga, surgindo novos toxicomaníacos ou até futuros usuários de outras drogas mais letais.

O uso incorreto de medicações

Tajima (2001 apud BRIGIDO, 2008) descreveu o uso recente de drogas em dezenas de países ocidentais e alguns países orientais. O autor também mencionou que esse crescimento se deve a uma série de fatores, entre eles o estilo de vida atual, o crescente número de diagnósticos de doenças na população, a entrada de novos fármacos no mercado e as novas indicações terapêuticas.

Wiggers (2004 *apud* BRIGIDO, 2008) relata que a prescrição e venda de substâncias psicotrópicas no Brasil são regulamentadas pela portaria 344/98[4], a qual determina a notificação de uma receita para que a dispensação dele seja autorizada.

Entretanto na realidade brasileira é simples e contraria a portaria durante está presente pandemia, embora a grande mídia de ênfase em adquirir medicações apenas com receita medica, pode se observar através de pesquisas que a venda de (hidroxicloroquina, ivermectina, dexametasona) veem subindo gradativamente no mercado.

A partir desta realidade, é importante apontar que, segundo a OMS (1990), o consumo exagerado e indiscriminado dos fármacos, especialmente os psicotrópicos, tem sido avaliado como um grave problema por autoridades sanitárias. Isto, devido aos sérios danos que causam à saúde da população, pois tratam uma determinada patologia, podendo acarretar outras. Seu uso precisa ser cuidadosamente acompanhado, porque o conhecimento de seus efeitos no Sistema Nervoso Central, ainda constitui um grande desafio aos profissionais desta área, não sendo totalmente conhecidos.

Conforme apontam Maia e Albuquerque (2000) na sociedade atual há uma busca incessante dos sujeitos pela satisfação imediata de suas necessidades. Principalmente, devido ao desenvolvimento tecnológico e informacional, a cultura do “imediatismo” é predominante no meio social.

No entanto, essa característica do homem moderno se estende a todas as áreas de sua vida, incluindo a maneira como ele enfrenta a dor, a tristeza e a ansiedade. Nesse caso, a medicação é a maneira mais rápida de corrigir esses sintomas, mas nem sempre o método mais recomendado ou mais eficaz.

No mercado de trabalho altamente competitivo, a demanda diária por renda e produtividade, bem como a busca constante pela diversão e a necessidade de mostrar felicidade a qualquer momento, estimulam o uso abusivo de substâncias (MAIA & ALBUQUERQUE, 2000, p.83).

Mesmo diante da doença atual, que ainda se encontra sem uma cura, ou vacina o mercado de trabalho não para de exigir de forma direta ou indiretamente, das pessoas a produtividade no trabalho, fazendo com que estas recorram, aos medicamentos não apenas por medo da pandemia, mais também para manter o desempenho no trabalho afim de ter a continuidade do mesmo, pelo medo de uma futura demissão do cargo que ocupa.

A esse respeito, um fator de preocupação envolve a auto coleta e de acordo com as opiniões de Maia e Albuquerque (2000, p.83), os sujeitos foram examinados pela patologia, Dor e frustração não indicam mais as limitações inerentes de um único sujeito. Ou seja, a ideia veiculada é que todos podem obter esta imagem ideal completamente agradável com o mínimo esforço, e o fracasso na implementação deste modelo deve-se a problemas pessoais especiais.

Para Foucault (2001), a medicalização é uma modernização dos métodos clínicos que podem produzir verdades sobre as doenças.

O autor também mencionou que a característica da medicalização é o processo de adaptação da medicina aos estilos de vida sociais. Portanto, legisle e regule seus mais diversos comportamentos. Em outras palavras, a prescrição e o uso de fármacos estão intrinsecamente relacionados ao momento histórico atual e suas características. Portanto, exigem que o sujeito seja responsável por seu estado, continuamente responsável pela produtividade e pelo sucesso e, em suma, se adapte aos estilos de vida modernos.

A situação apresentada pode ter muitas consequências para os sujeitos, pois a ideia é suprimir a dor, pois todos podem obter bem-estar pleno na forma de "pílulas mágicas", que podem eliminar problemas e aumentar a produtividade (TAVARES & HASHIMOTO, 2010, p.92).

No entanto, na maioria dos casos, esses medicamentos podem apenas tratar os sintomas, causados pelo vírus da covid-19, mas não podem abordar especificamente a causa do problema. Outro aspecto importante é o fato de que, ao longo do tempo, os psicotrópicos perdem eficácia, levando à necessidade de aumento da dose, com isso aumentando o número de comprimidos autoadministrados (ou seja, sem consentimento), pode-se induzir a automedicação e sem nenhum tipo de monitoramento médico.

Frente o cenário apresentado até o momento, convém apontar que, de acordo com Onocko-Campos et al (2013, p. 2889) “problemas não médicos tornam-se diagnosticáveis e tratáveis como problemas médicos”.

Mesmo sabendo que a pesquisa para descobrir uma vacina para o combate à corona vírus o desenvolvimento de uma medicação capaz de erradicar a doença causada por ele, é precisa uma evolução científica a qual está associada a uma

compreensão mais ampla do que são consideradas doenças patológicas – diagnósticos, mais precisos podem ser feitos - é preciso lembrar que o financiamento de pesquisas nesta área vem, principalmente, da indústria.

Segundo Onocko-Campos et al. (2013), chega a utilizar produção científica nesta área específica, sendo também uma das indústrias mais rentáveis do mundo. Portanto, o investimento no desenvolvimento de psicofármacos diferenciados é enorme.

O perigo dos fármacos

Os fatos declarados têm impacto sobre o uso em larga escala de substâncias, ou seja, porque buscamos alternativas diferenciadas e tratamentos de longa duração, quando existem inúmeros tipos de comprimidos que podem proporcionar saúde instantânea para as dores do dia a dia e, assim, permanecer plenamente ativos na sociedade. (SANTOS, 2012).

Segundo pesquisa de Pelegrini (2003), o uso abusivo de drogas modernas está interligado por diversos fatores, entre eles o uso excessivo dessas drogas, a renovação automática das prescrições, inclusive a isenção da presença de pacientes. O mecanismo de incentivo e aspectos culturais da indústria farmacêutica - na situação atual as pessoas buscam constantemente a felicidade e a alegria além da busca por temas fecundos e ativos - o imediatismo da eficácia do medicamento.

A Política Nacional de Medicamentos conceitua o uso racional de medicamentos como: “Processo que compreende a prescrição apropriada: a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis; a dispensação em condições adequadas; e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e no período de tempo indicado de medicamentos eficazes, seguros e de qualidade.” (Brasil, 1998).

No entanto, certifique-se, de que existem diferenças claras entre as permissões de acesso Uso razoável e abuso de drogas, mas, porém, o que veem acontecendo através de pessoas influentes que tem grande repercussão o que diziam usam as redes sociais para afirmar que os mesmos ou outras pessoas, foram curadas da covid-19 através de medicações especificas, mas até o momento sem comprovação cientifica.

A automedicação como uso irracional, compreende o uso de medicamento sem prescrição, orientação e/ou acompanhamento do médico ou dentista; esta definição difere do conceito de automedicação responsável, que XIII define o uso de medicamento não prescrito, porém, sob a orientação e acompanhamento do farmacêutico que irá favorecer uma conduta racional para uso dos fármacos. Deve-se ressaltar que esta prática contribui na redução da utilização desnecessária de serviços de saúde visto que dos 160 milhões de brasileiros cerca de 120 milhões não têm convênios para a assistência à saúde (SALOMÃO, 2001).

A ausência de profissionais capacitados por falta de iniciativas governamentais, além de uma política de saúde irregular e inconstante, prejudica a adequada orientação sobre o correto uso de medicamentos e contribui com a manutenção de índices elevados de intoxicações. Técnicas de marketing atraem usuários e prescritores, e favorecem a

utilização indevida de medicamentos por uma parcela importante da população (MARGONATO et al., 2008).

No Brasil, faltam pesquisas sobre morbidade, as taxas de mortalidade associadas ao uso de drogas, colocando a situação em risco Precisa do país, é inexistente uma investigação epidemiológica ou uma preocupação mesmo diante da pandemia atual.

De acordo com o relatório de dados de 2010 do Sistema Nacional de Informações sobre Toxicidade de Medicamentos, a taxa de intoxicação foi de 27,75% Medicamentos registrados no Brasil, enquanto agrotóxicos respondem por 5,52% Os agrotóxicos de uso doméstico responderam por 2,42%. Sobre a morte causada registrado como envenenamento humano com a maior taxa de detecção Respectivamente: 44,32 %% para pesticidas agrícolas; 16,59% para medicamentos; e 11,59% são usuários de drogas. Portanto, a droga é A principal causa de envenenamento e a segunda principal causa de morte causada por substâncias tóxicas conforme mencionado na tabela (SINITOX, 2010).

A Organização Mundial da Saúde afirma: “Quando os pacientes estão recebendo medicamentos, eles devem ser usados de forma racional Medicamentos e dosagens adequadas para sua situação clínica Feito sob medida para você em um período E com o menor custo para você e para a comunidade. "(WHO 985).

Portanto a prescrição correta de medicamentos é muito importante, na forma de medicamento, dosagem e duração do tratamento; isto é fornecido adequadamente a um preço acessível a qualidade é necessária; alocada em condições adequadas Orientação e responsabilidade; de preferência, tratamento prescrito Método possível.

No Brasil, sobre uso indevido drogas e lidar com os riscos de consumo. Essa pouca informação use os seguintes métodos para encontrar a porcentagem de pessoas que autoadministram medicamentos no país, região: egoísta ou não profissional e usa receitas antigas (NASCIMENTO, 2003).

Muitos médicos não têm acessibilidade sobre informações completas a respeito da segurança dos fármacos. Outros não conhecem os possíveis efeitos nocivos do que prescrevem, ou ainda não sabem identificar ou prevenir combinações perigosas entre as substâncias farmacológicas. Por outro lado, alguns pacientes não declaram estar usando outro tipo de medicamento. Há também aqueles acompanhados por vários médicos sem a intercomunicação entre eles (NASCIMENTO, 2003).

No entanto, outras situações também tendem à automedicação: como a falta de profissionais, vencimento de receituário e não poder ir ao posto de saúde devido ao isolamento social atual, bem como o veem se mostrando o principal fator que veem levando muitos a se automedicar o medo da doença até então desconhecida pela ciência.

Frase: "Quando os sintomas persistirem, consulte um médico" Em vez de se lembrar dos riscos do uso de drogas, é melhor incentivar o uso Pelo menos um medicamento de venda livre, indicando que você está procurando apenas um médico Quando os sintomas ainda estão presentes (NASCIMENTO, 2009).

Todos esses fatores, exceto para anúncios de medicamentos, Sempre foi um estímulo comum para o uso impróprio. Mais importante ainda, enfatizando Benefícios e minimizar a possibilidade de efeitos adversos. Essa propaganda é intensificada pela internet, divulga informações aos consumidores não é claro, e afirma promover a saúde (CABEZAS, 2000).

A Federal Pharmacy Commission (CFF) afirmou que a organização A Organização das Nações Unidas (ONU) concluiu um relatório para Autoridades de saúde em todo o mundo na venda de medicamentos legais (Medicamentos controlados) rede virtual, sua principal forma é e-mail do processo.

O CFF chama a atenção sobre a venda de medicamentos e afirma que o acontecido é muito mais grave do que se imagina, porque além do tráfico, a saúde da população é ameaçada (BRANDÃO, 2004).

As estatísticas mostram que 35% das drogas estão em o Brasil é um país por meio da automedicação analgésicos, congestantes nasais, drogas anti-inflamatórias Medicamentos antirreumáticos e anti-infecciosos de uso sistêmico; 44,1% deles são é necessária receita médica para obtê-los. (AQUINO, 2008).

O consumo do grupo de farmacologia mais comumente usados é analgésico (46,4%), antibióticos (22,8%) e anti-inflamatórios (9,1%). Dentro 49% do grupo de automedicação passou anuncie no pôster. Auto analgésicos são A prevalência é maior; as doenças que sustentam a automedicação são Dor de cabeça, então o grupo de farmacologia mais comum é analgésicos (CABEZAS, 2000).

O não uso de prescrição de um médico ou farmacêutico pode fazer com que o número de urgências, possa vir a dobrar, bem como superlotar, os serviços moveis de urgência samu, podendo até vir a óbito devido a ingestão de uma doze errada, uma vez que o medicamento foi comprado sem nenhuma orientação profissional.

O abuso de muitas substâncias pode levar a vários Consequências, como: resistência bacteriana, hipersensibilidade, Dependência, sangramento gastrointestinal, sintomas de abstinência ainda piores O risco de tumores (BORTOLETTO, BORCHENER, 1999).

Pode se observar que em países desenvolvidos, recentemente, o número de medicamentos sem receita aumentou, e a disponibilidade desses medicamentos nas instituições os farmacêuticos são a favor da automedicação, porque segundo eles alguns desses medicamentos poderiam evitar uma futura contaminação do vírus.

Essa prática comum, vivenciada por civilizações de todos os tempos, apresenta características únicas a cada época e região, e por vezes são influenciadas por prescrições ou indicações por pessoas não habilitadas como amigos, familiares, balconistas de farmácia (BORTOLETTO, BOCHNER, 1999).

A proposta de descanso imediato do sofrimento como um passe de mágica é um apelo encantador, mas tem seu preço, o qual nem sempre se limita ao abatimento financeiro e pode ser deduzido na própria saúde (AQUINO, 2008).

O uso impróprio de drogas é um problema permanente de saúde pública que existe globalmente, mais diante do novo corona vírus este problema se tornou mais grave uma vez que, quando a pandemia cessar, poderá restar muitos dependentes de fármacos que terão que usar até o fim de suas vidas, entretanto os lucros absurdos que as indústrias estão tendo com essa fase, passa despercebido do mal que o abuso desses medicamentos poderá trazer a uma sociedade já mentalmente doente e tardada a ser quimicamente dependente de algo para manter as aparências que vai tudo bem.

No Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos obtidos são através de automedicação. Esse problema é agravado com o baixo poder aquisitivo da população, a precariedade dos serviços e sistema de saúde que contrastam com a facilidade de se obter medicamentos sem pagamentos de consultas sem receituário médico em qualquer farmácia, onde geralmente encontra-se um balconista com interesse em ganhar uma comissão de venda (BARROS, 2003).

Contudo o alto consumo de medicamentos de forma inapropriada ocorre também entre as classes mais privilegiadas da sociedade, uma vez que essa prática se dá pela herança cultural, de forma instintiva sem qualquer base racional, pela facilidade de acesso, dentre outros (AQUINO, 2008).

As drogas se tornaram tratamento e prevenção de várias doenças pela melhoria da qualidade de vida das pessoas, seja fisicamente ou psicologicamente, os usuários destas substancias já se tornaram toxicomaníacas, dependentes, ou seja, pelo físico ou pela mente delas.

A fim de A terapia medicamentosa foi bem-sucedida e produziu os resultados esperados, é o medicamento deve ser utilizado nas condições clínicas adequadas, prescrito na forma de medicamento, dosagem e duração do tratamento aproprie-se e siga o plano de tratamento prescrito (MARIN etc., 2003).

Mas mesmo se usado de forma razoável, os eventos adversos podem ocorrer durante o tratamento, diante disto para a tal declaração Farmacovigilância para Monitore o desempenho dos medicamentos existentes mercado, ainda mais nesse momento sombrio que o mundo vem atravessando.

As suas ações são realizadas de forma compartilhada pelas vigilâncias sanitárias dos estados, municípios, incluindo os hospitais, farmácias, indústrias e Anvisa. Os produtos farmacológicos são formulados para prevenir, aliviar e curar enfermidades, porém, podem produzir efeitos indesejáveis, maléficos e danosos. Esse dualismo, por vezes perigoso, é importante para a saúde pública e torna a farmacovigilância serviço fundamental à regulação sanitária em qualquer país (ANVISA, 2007).

A farmacovigilância pode proteger as pessoas de lesões causadas por meio da detecção precoce de riscos e intervir no tempo (OMS, 2002).

Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) O conceito de farmacovigilância como uma ciência relacionada aos testes, Avaliar, compreender e prevenir efeitos adversos ou qualquer Questões relacionadas com drogas. Nesta visão, farmacovigilância começou a expandir a cobertura, não envolvendo apenas reações adversas, mas todos os eventos adversos relacionados ao medicamento (OMS, 2002).

As notificações são utilizadas de maneira que tentam esclarecer os efeitos de uso nas condições clínicas, trazendo a possibilidade de identificação de algumas reações adversas, considerando que as mais frequentes reações são as não graves como: cefaleia febre dores no corpo manchas, ânsia de vomito entre outras.

Conclusão

Uso racional de medicamentos por definição de requisitos da Política Nacional de drogas a promoção é muito complicada e está relacionada a uma série de Variáveis na construção lógica. Para executar, eles devem contar com a participação de alguns atores sociais: pacientes, profissionais de saúde, legisladores, formuladores de políticas públicas, indústria, comércio e governo Normalmente, soluções são propostas para reverter ou minimizar esta estrutura de uso irracional deve ser educada e divulgada a população, com ou sem receita médica, tem maior e melhor controle sobre as vendas acesso aos serviços de saúde e promoção da mesma por meio de padrões éticos muitos produtos devem ser retirados do mercado e empresas farmacêuticas que carecem de eficácia ou segurança e incentivam a adoção Terapia não medicamentosa, devem ser multadas, bem como uma ação da vigilância sanitária sobre a venda de medicações que dizem prevenir o combate ao corona vírus, sem nenhum tipo comprovação cientifica com isso podendo vir a acarretar problemas futuros de saúde a milhões de vidas.

Referencias

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. Parcerias para diminuir o mau uso de medicamentos. Revista de saúde pública. V.40 n.1, p. 191-194, 2006.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. Conceitos em Farmacovigilância (2007).

AQUINO, D.S. Porque o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.13, p. 733-736, abr.2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM nº 3.916, 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de nov. 1998.

BARROS, J.A.C.; JOANY S. Anúncio de medicamentos em revista médica: ajudando a promover a boa prescrição? In: ROZENFIELD, S. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre idosos: uma revisão. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 717-724, mai-jun. 2003.

BORTOLETTO, M. E.; BOCHNER, R. Impacto dos medicamentos nas intoxicações humanas no Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p.859-869, out./dez. 1999.

BRANDÃO, A. Sim, nós já temos farmacovigilância. Pharm. Bras., n. 34, p. 18- 21, 2002.

BRANDÃO A. Farmácia virtual pode trazer outros problemas à saúde além do tráfico. Revista Brasileira de Farmácia, n.9, v.41, 2004.

BRÍGIDO, Aline Andrade. Prevalência do Consumo de fármacos, SC. 2008.

CABEZAS VPY, ORMENO EAM, PABIAZA LCV. Automedicación de analgésicos nos narcóticos. Consultório Santo Tomás. Santiago do Chile, 2000. 114 p.

MARGONATO, F.B, THOMSON, Z, PAOLIELLO, M.M.B. Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil. Cadernos de saúde pública. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 333-341, fev., 2008.

SALOMÃO, A.J. Automedicação. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 47, n. 4, editorial, 2001.

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Estatística anual de casos de intoxicação e envenenamento. Brasil, 1999. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica, 2000.

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Dados Nacionais entre 2008 - 2011.

SANTOS, JESSICA. Consumo excessivo de medicamentos, um problema de saúde pública. Ret.-sus, agosto-setembro 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. The Uppsala Monitoring Centre. The Importance of Pharmacovigilance. Safety monitoring of medicinal products. 2002, 48 p., ISBN 92 4 159015 7.

MARIN N. et al. (Org.). Assistência Farmacêutica para gerentes municipais. Rio de Janeiro: OPAS/OMS, 2003.

MONTEIRO, Verônica de Fátima Ferreira. Perfil dos Medicamentos Ansiolíticos Atendidos na Farmácia básica – RJ NO ANO DE 2008.

MAIA, M. e ALBUQUERQUE. A. Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo. IN: Pulsional: Revista de Psicanálise. Ano XIII, N°. 132, 2000.

NASCIMENTO M.C. Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde? Rio dê janeiro: Vieira e Lent; 2003.

NASCIMENTO, A.C; Propaganda no Brasil. É possível regular? Ciência & Saúde Coletiva, v. 14 n.3, p. 869-877, Mai-Jun 2009.

LUZIO, Ana Carolina Pereira da Silva, Cristina Amélia; SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos. **A Explosão do Consumo de Ritalina.** Revista de Farmacologia da UNESP 11(2), 2012.

RICHARDSON, Roberto Jerry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 2. ed. São Paulo: Atlas,1989.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Medicines: rational use of medicines. Fact sheet num. 338. May 2010.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa et al. A Gestão Autônoma da Medicação: Uma Intervenção Analisadora de Serviços em Saúde Mental. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2013, vol.18, n.10, pp. 2889-2898. ISSN 1413-8123.